

DISCURSO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL ENTRE ESCOLA, LIXÃO E TRABALHO INFANTIL¹

Ana Paula Vieira e Souza²
Francisco Pereira Oliveira³
Ana Nivia Santana Alves⁴

RESUMO

A pesquisa tem centralidade nos discursos de crianças sobre escola, lixão e trabalho infantil, matriculadas em uma Escola da Rede Estadual da periferia do Município de Bragança, no entorno do Lixão do Rocha. O objetivo principal é caracterizar com base no discurso de crianças, as culturas infantis produzidas no universo infantil entre escola, lixão e trabalho infantil. Participaram da roda de conversa 10 crianças na faixa etária entre 07 e 10 anos. Os discursos das crianças revelam seus desejos, sonhos e perspectiva de vida, sobre seus desejos em possuir objetos, o que pensam em relação sobre família e escola, o tipo de trabalho que realizam no Lixão do Rocha. Conclui-se, o descaso do poder público em melhorar a estrutura física da escola, na formação continuada e na qualificação de professores para atuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O estudo mostra que as crianças constroem culturas infantis na escola, nas relações com outras crianças pelo brincar, entretanto o trabalho infantil nega a elas o direito de constituírem culturas. Elas possuem desejos basilares como o de ter uma casa digna, geladeira, etc. O trabalho infantil para elas é algo prejudicial e impeditivo de brincadeiras, além de ficarem expostas às situações degradantes e humilhantes, como risco de saúde e de vida. As culturas infantis produzidas pelas crianças são caracterizadas pelo brincar, pelas brincadeiras como jogar bola, correr e nas conversas entre si. Elas têm desejo de aprender a dominar a leitura e escrita.

Palavras-chave: Crianças. Culturas infantis. Vulnerabilidade social. Escola. Lixão.

ABSTRACT

The research has a centrality in the discourses of children about school, dump and child labor, enrolled in a School of the State Network of the outskirts of the Municipality of Bragança, near the Lixo do Rocha. The main objective is to characterize, based on the discourse of children, the children's cultures produced in the universe of children between school, dump and child labor. Ten children aged between 7 and 10 years participated in the conversation. Children's discourses reveal their desires, dreams and perspective of life, about their desires to possess objects, what they think about family and school, the kind of work they do in the Rock Garbage. We conclude that there is a lack of public authority in improving the physical structure of the school, in continuing education and in the qualification of teachers to act in the initial years of Elementary School. The study shows that children construct children's cultures in school, in relationships with other children through play, though child labor denies them the right to constitute cultures. They have basic desires such as having a decent home, refrigerator, etc. Child labor for them is harmful and prevents play, as well as being exposed to degrading and humiliating situations such as health and life risks. The children's cultures produced by children are characterized by playing, playing, playing ball, running and talking to each other. They have a desire to learn to master reading and writing.

Keywords: Children. Children's cultures. Social vulnerability. School. Dumping ground.

¹ Produção textual resultado de atividades de pesquisas interdisciplinares dos Grupos de Pesquisas GEPTE e LABINFRAM.

² Professora Adjunta do Campus Bragança da Universidade Federal do Pará. E-mail: paulladesa@gmail.com

³ Professor Adjunto do Campus Bragança da Universidade Federal do Pará e do Programa de Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia. E-mail: foliveiranono@yahoo.com.br

⁴ Pedagoga, Professora da Educação Infantil. ananiviasantana@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

As vozes de crianças em situação de vulnerabilidade social a respeito das culturas produzidas no universo infantil de uma Escola⁵ da rede estadual do Estado do Pará, localizada na periferia do Município de Bragança, se constitui no objeto de estudo dessa pesquisa. A vulnerabilidade social dessas crianças tem relação com a localização do espaço onde residem, frequentam a escola e o local de trabalho, ou seja, nas proximidades do lixão. As crianças estão ocupadas pelo trabalho infantil no lixão e moram nas adjacências⁶.

A situação de vulnerabilidade social de crianças e adolescentes tem relação com os espaços habitados por elas, porque “vivem negativamente as consequências das desigualdades sociais, [...] pobreza e exclusão social” (PEREIRA, 2003, p. 359). As crianças participantes desse estudo são originárias de famílias pobres, com baixa renda familiar. Elas estão ladeadas por riscos de saúde, pela falta de saneamento básico, moradia digna, portanto excluídas de direitos fundamentais para o seu desenvolvimento pleno. Muitas vezes, lhes faltam o afeto familiar e educação comprometida com a sua realidade social, assim como existe ausência de espaço escolar favorável ao aprendizado e tempo para o lazer.

A vulnerabilidade social sociologicamente assinala grupos sociais e locais dentro de uma sociedade como marginalizados, aquelas pessoas excluídas de benefícios e direitos em um mundo globalizado. Do mesmo modo, as crianças da Comunidade do Rocha se assemelham aos grupos desfavorecidos economicamente, ancorados em contexto geográfico reveladores da desigualdade social, principalmente pela vivência cotidiana no entorno do lixão, cujos efeitos negativos se mostram na má qualidade de vida, no acesso a uma escolarização que lhe promova ensino de qualidade (SOUZA, 2014).

A exclusão dessas crianças ao entorno do lixão é originada pela desigualdade social, que lhes impõem a vulnerabilidade social atravessada historicamente pela origem do capitalismo na Inglaterra do século XVIII, porque perpassa pela contradição da exploração da força de trabalho, a opressão humana fruto da divisão de classes, pelo caráter de produção do capitalismo (SOUZA, 2014).

Consideramos, portanto, a vulnerabilidade social como um conjunto de situações e dimensões em que uma pessoa ou grupo de pessoas estão ausentes de condições humanas de

⁵ Escola localizada próximo ao lixão no Município de Bragança. Em 2017, atendeu 203 alunos do 2º ao 5º no horário da manhã e tarde e Ensino Médio no horário da noite com o projeto Mundiar. Funciona com oito salas. o Projeto Mundiar atendia 133 alunos.

⁶ Comunidade do Rocha – área circunvizinha ao lixão, habitada por assentamentos populacionais do perímetro urbano, bairro Alto Paraíso.

vida. Nesse sentido, as crianças da Escola do Rocha e moradoras do lixão se encontram socialmente excluídas de direitos básicos fundamentais pelo conjunto de ausências em suas vidas, ainda que legalmente elas estejam ancoradas pelo direito de proteção, direito à educação, reconhecimento de infâncias e de crianças, conforme a Carta Magna de 1988, reiterada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, ainda assim são violadas do direito de brincar.

A garantia de direito da criança por setores que compõem a sociedade: Estado, família, escola, comunidade tem sido negligenciado para as crianças pobres (SOUZA, 2009, p. 47). Para a autora, existe “uma heterogeneidade de outras crianças; a que trabalha e não estuda, a que cuida de outra criança, a do campo, as indígenas, as ribeirinhas, as da carvoaria, entre outras”, que estão submetidas a exploração do trabalho infantil (Idem, p. 53), bem como as crianças pesquisadas.

Isto posto, a pesquisa buscou dar voz as crianças a fim de caracterizar as culturas infantis que estão sendo construídas pelas variadas formas de interação no brincar entre crianças em condição social negada, na relação com o mundo do adulto e o trabalho infantil. Os dados foram coletados por meio de uma roda de conversa realizada na sala de leitura com roteiro de perguntas dirigido às crianças.

Os diálogos na roda de conversa foram realizados com grupo de quatro crianças por vez para facilitar as interações pelo brincar. O brincar perpassou todo o processo da pesquisa, música, atividade de painel, imagens de crianças em contextos diversos (SOUZA, 2014). O roteiro de perguntas facilitou a roda de conversa que foi direcionada à vida pessoal e escolar, para traçar o perfil sociocultural, perspectiva de vida e o seu desenvolvimento escolar. Ainda, perguntamos a elas a idade, com quem moravam, a profissão dos pais ou responsáveis, também direcionamos questões sobre se gostavam de frequentar a escola; seus anseios de crianças; por fim, elas eram provocadas a falar de sua casa e de trabalho. A escolha das crianças se deu pelo critério de morarem ao redor do lixão e por trabalharem neste espaço.

A pesquisa revela que os significados atribuídos pelas crianças a respeito de suas histórias de vidas, de ser criança em situação de trabalho são permeados de informações, conceitos produzidos e recriados e reinterpretados sobre a escola frequentada por elas, o espaço de moradias, o compartilhar experiências, significados de vida, mas também, as vozes infantis revelam limitações no tempo das infâncias pelo trabalho infantil, ausência do brincar para o desenvolvimento pleno, tendo efeito negativo em suas aprendizagens, ou seja, os direitos basilares lhes são negados.

Figura 1: Crianças no espaço da Escola. Fonte: (autor) 2017.



Os enunciados das crianças em situação de vulnerabilidade social da escola do Rocha revelam que elas carecem de direitos básicos relacionados à comunidade escolar, desde infraestrutura, espaço adequado para o recreio, para o brincar e a falta de merenda escolar.

As crianças na faixa etária entre 7 e 10 anos, moradoras de bairro periférico próximo a Escola e ao lixão possuem uma ligação direta com este espaço, pois em sua maioria têm pais que trabalham nesse local ou as próprias crianças trabalham como forma de ajudar na renda familiar. Pela proximidade com o aterro do lixão, elas circulam entre morar e estudar nesse local.

Figura 2: Entrada do lixão do Rocha. Fonte: (autor) 2017.



Esse contexto do lixão faz parte da vida das crianças participantes desse estudo. Elas estão entre o lugar do lixo e o âmbito escolar. O perfil sociocultural na concepção da educação trata da ação humana em um tempo e espaço, dados que fazem com seus resultados sejam completamente específicos. O termo sociocultural faz referência a uma realidade das crianças da Escola do Rocha em interação com pessoas e entre si no tempo da merenda escolar, com o meio ambiente e com outras realidades.

A Escola conforme mostra a figura 3 não possui espaço adequado para o tempo do recreio e nem espaço apropriado para a merenda escolar. Esses espaços têm relação com aspectos da singularidade da cultura de vida das crianças entre o contexto escolar e o lixão.

Figura 3: SEQ Figura * ARABIC: Crianças no Horário da merenda escolar. Fonte: (autor) 2017



O perfil sociocultural das crianças mostra que elas são oriundas de famílias de baixa renda e residem no entorno do lixão. Elas moram com pais, apenas mãe, com avós e tios, outras composições por irmãos e primos, etc. A realidade das crianças entrevistadas é carregada de negação de suas infâncias, pois assumem o dever de cuidar da casa e de outras crianças, como seus próprios irmão e primos com menor idade que a sua, por isso assumem responsabilidades de cuidar de outra criança na ausência do responsável, o que caracteriza o trabalho infantil no âmbito de casa ao assumir tarefa de adulto.

Figura 4: Crianças no espaço da escola. Fonte: (autor). 2017.



As famílias das crianças pesquisadas são carentes economicamente, com baixa escolaridade, a pobreza é manifestada pela moradia no entorno do lixão, se alimentam dos restos acumulados nesse lugar. Os responsáveis junto com as crianças são catadores de objetos no lixo para vender e até usar. Em média, a renda familiar é de até meio salário mínimo. Das dez crianças entrevistadas, de apenas duas a renda familiar é originada pela aposentadoria de seus avós que corresponde a um salário mínimo, mas ainda assim, elas precisam trabalhar no lixão para complementar as despesas da casa. De três crianças as famílias vivem somente do trabalho do lixão, como catadores de lixo e três crianças os responsáveis trabalham com coleta de material reciclável do lixão. Apenas duas crianças os responsáveis não trabalham no espaço do aterro, mas ao contrário elas sim, catam lixo para juntar dinheiro para comprar objetos de desejo de consumo. Assim, vimos que as crianças buscam meios para sobreviverem do lixão e permanecerem na escola.

1. DISCURSO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL ENTRE ESCOLA, LIXÃO E TRABALHO INFANTIL, O QUE ELAS FALAM?

As culturas infantis das crianças estão misturadas, ora elas buscavam brincar na escola, ora no trabalho elas procuravam formas de não trabalhar, sempre que o olhar do adulto

era desviado para chegada de uma caçamba com lixo. A contradição do trabalho aparece no momento em que as crianças criam e recriam o brincar no amontoado do lixão. Elas estão submetidas as formas de exploração infantil, tanto pelo trabalho no lixão como no trabalho doméstico, pois são crianças cuidando de irmãos ou primos mais novos ou como forma de ajudar na renda familiar, sendo uma atividade, ainda naturalizada em pleno século XXI, principalmente no discurso ideológico da luta de classes. Para Souza (2014), o trabalho infantil doméstico ainda é uma prática cultural muito presente na Amazônia, principalmente entre os irmãos mais velhos, as meninas em particular, cuidam do irmão mais novo e dos afazeres da casa.

O trabalho infantil é tão presente na Amazônia bragantina que ainda é visto de forma naturalizada pela sociedade, principalmente pelas famílias das crianças que acreditam estar fazendo o melhor para os seus filhos. Essa afirmação foi percebida em conversas com as mães das crianças entrevistadas, que preferem o trabalho como forma de evitar a rua, sem perceber que o perigo se encontra no trabalho infantil e no tipo de trabalho desumano como catar lixo e se alimentar do lixão.

As crianças que trabalham no lixão, além de se alimentarem de restos, muitas vezes estavam tão cansadas e adormeciam entre os papelões amontoados na proximidade da montanha de entulho. Para elas o trabalho é reproduzido pelo discurso do adulto como algo bom, isso se dá pela falta de conhecimento e orientação, por não perceber que essas atividades afetam o desenvolvimento das crianças e as limita de se constituírem pelas culturas das infâncias. No dizer de Del Priore (2008, p.13) as crianças pobres “[...] são enfaticamente orientadas para o trabalho, o ensino, o adestramento físico e moral, sobrando-lhes pouco tempo para a imagem que normalmente se lhe está associada: aquela do riso e da brincadeira”.

Outra realidade que atravessa as muitas infâncias da região bragantina é a violência. Uma das crianças entrevistadas relata que foi abandonada pela mãe na casa da avó porque sofria maus tratos provocados pelo padrasto.

(Criança com 10 anos) Moro com minha avó aqui em Bragança, minha mãe mora no sítio com meus irmãos e padrasto, minha mãe me deixou com minha avó porque meu padrasto não gostava de mim, ele me batia muito, (eu apanhava de corda), ele somente gosta dos seus filhos. Então, a minha mãe me deixou na casa da vovó e não nunca mais voltou para me buscar.

O trabalho infantil e a violência doméstica como fenômeno social causa sofrimento e estão presentes nas vidas das crianças da Escola do Rocha, ainda que existam leis de proteção à criança, como expressa o Artigo 5º do ECA, que nenhuma criança ou adolescente será

objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão, ainda assim elas têm os seus direitos fundamentais violados. Esses aspectos socioculturais na vida dessas crianças no envolvimento do trabalho infantil no lixão são as piores formas de trabalho infantil (SOUZA, 2014), que tem efeitos negativos no desenvolvimento de vida e impõe limites relacionados às expectativas de vida das crianças por reproduzir a condição de pobreza (RIZZINI, 2005).

1.1 PERSPECTIVA DE VIDA

Em relação a perspectiva de vida, os discursos das crianças revelam que tem desejos, tem sonhos, muitas vezes distantes da sua realidade, talvez pela ausência desses cuidados, pois elas desejam ser exatamente o que lhes é negado nas infâncias, como saúde, segurança, saneamento, moradia digna. As crianças falam de profissões como de médico, policial, enfermeiro, mas também por casas bem estruturadas. O discurso delas revela o desejo de estudar para ser médico, para curar doença, pois uma delas recorda a morte de uma irmã por falta de cuidados.

Quando perguntado às crianças sobre o que elas desejavam ter na vida, os enunciados discursivos revelam que os sonhos estão relacionados em ter algo que lhe proporcione conforto e organização, por exemplo, uma cama, armário para guardar suas roupas e objetos como brinquedos. Ainda, apareceu nas vozes das crianças o desejo de acesso à televisão para assistir os desenhos. Elas anseiam ter aparelhos eletrônicos como celular e computador, além de estojo de maquiagem, sandálias coloridas, aqui a influência da mídia do consumo, o mundo adulto na vida das crianças. As crianças pesquisadas têm anseio em ter bicicleta.

Nas interações com as crianças recorrentemente, aparece o desejo de possuir uma geladeira, elas falam que trabalham para juntar dinheiro para comprar comida e uma geladeira cheia de alimentos bem gostosos, nesse sentido, o significado das vozes revelam a fome na vida dessas crianças. Por isso, perguntamos qual o tipo de alimentação estava presente em suas vidas.

(Criança de 9 anos). Meu pai e minha mãe pegam osso do caminhão que chega de madrugada, só que tem dia que o caminhão da ossada não vem, aí meu pai compra comida, mas tem dia que não tem dinheiro e a gente só come a noite, só uma vez.

(Criança de 7 anos). A gente pega ossada de noite, do caminhão de ossada que chega, às vezes meu pai compra comida e às vezes a gente só come ovo com farinha, por isso que eu quero ter uma geladeira cheia de comida e lá em casa não tem geladeira e gosto de água geladinha.

A vulnerabilidade social segundo o IPEA (2015, p. 09) não é apenas relacionada à pobreza, mas também “atrelada à questão de insuficiência de renda”, ainda pode ser denominada “de necessidades básicas insatisfeitas”. Nesse sentido, de negação dos direitos sociais da pessoa, quando perguntado sobre o tipo de moradia, todas as crianças mostraram desejos de ter outro tipo de casa, pois moram em casas de madeira, de barro e até habitam em casas cobertas de plástico.

As crianças têm desejo de morar em casa construída de tijolos, com muro, pintada, mas com mobílias, como televisão, armário, com destaque em suas falas para possuir uma cama. As falas das crianças revelam muitas vezes, que não têm o básico, como alimentação, saneamento básico, pois mostraram interesse em ter banheiro com vaso sanitário. Os banheiros que utilizam em suas casas, do tipo caixa de madeira, sem assento, fossa aberta. Elas revelam que dormem juntas de irmãos, até três em único espaço, não têm conforto em casa, dormem em redes às vezes com adulto, dividem cama com os adultos.

A pobreza na vida das crianças moradoras no entorno do lixão é um fenômeno perverso, que “[...] consiste na segregação espacial [...], uma vez que a diferenciação entre áreas [...], em termos de infraestrutura, segurança, disponibilidade de espaços públicos”, entre outros cria condições de “segregação residencial, de um lado, guetos de famílias pobres ou que comungam de determinados fatores que as tornam vulneráveis à pobreza” (IPEA, 2015, p. 09).

São nessas situações de vulnerabilidade social que se encontram as crianças da Escola do Rocha, elas vivem em condições precárias de exclusão social, negação do direito de viver plenamente suas infâncias, às margens da sociedade, muitas vezes esquecidas pela própria população e pelo governo local, no limite, o não acesso e a não observância dos direitos sociais, que deveriam, a princípio, estar à disposição de todo cidadão, por força da ação do Estado, do tipo infraestrutura urbana, como acesso a saneamento básico; renda e trabalho geração de empregos para que as famílias possam se sustentar (IPEA, 2015).

Por isso, as privações na vida das crianças pesquisadas são determinadas por fatores econômicos, causam efeitos negativos no processo de aprendizagem e na criação de culturas infantis pelo brincar, pois no tempo das brincadeiras estão submetidas ao trabalho.

1.2 DESEMPENHO ESCOLAR

A situação de vulnerabilidade social com base no perfil sociocultural pode influenciar no processo de aprendizado do aluno, no desempenho escolar, uma vez que têm fome e se

alimentam escassamente. Assim, o desempenho escolar das crianças é baixo, pois indicam dificuldades de leitura e escrita conforme as brincadeiras realizadas e observações na sala de aula. As crianças participantes desse estudo mostraram raro desempenho nas atividades escolares, atividades pedagógicas relacionadas à lateralidade, quantidade, leitura, escrita e interpretação de histórias. Elas apresentam lacunas referentes à leitura e escrita.

Em conversa com as professoras dessas crianças a respeito da ausência de leitura, escrita e de linguagem sobre os conhecimentos do Ensino Fundamental nos anos iniciais pelo baixo aprendizado, elas culpam a família, pelo descaso dos responsáveis com as atividades escolares das crianças e falta de interesse pela escola. Em nenhum momento apareceu nas falas das professoras as dificuldades relacionadas às condições de trabalho do professor e de infraestrutura da escola, nem tampouco apareceu o trabalho infantil.

A família “para ser efetiva e eficaz depende de condições para sua sustentação e manutenção de seus vínculos” (GOMES; DUARTE, 2004, p. 358). Ainda, a falta de afetividade tem relação com a situação socioeconômica como elemento que mais tem contribuído para a desestruturação das famílias em situação de vulnerabilidade. Ainda, a família é, portanto, uma construção social que se modifica pelas relações estabelecidas entre os sujeitos, se modifica historicamente. Nesse sentido, nem toda criança é cercada por sentimento de família, tampouco, tem pessoas adultos preocupadas com o seu bem-estar. O acompanhamento dos responsáveis na escolaridade de seus filhos é primordial para o desenvolvimento pleno na escola.

Em síntese, os achados da pesquisa cruzados pelos eixos perfil sociocultural, expectativa de vida e desempenho escolar evidenciam que as culturas infantis dessas crianças são cotidianamente comprometidas pelo convívio sociocultural no trabalho infantil, misturados com os adultos, assumem atividades incompatíveis com sua idade, a escola não é atrativa, mas elas gostam de frequentar o espaço escolar, essas situações a que elas estão submetidas são refletidas em sonhos e desejos como expectativa cultural de modificar suas vidas.

Ausência de espaço para a ampliação das culturas infantis pelas interações e brincadeiras como eixo estruturante da Educação Infantil, nem tampouco, elas falaram do espaço do recreio como possibilidades da constituição de culturas infantis pelo brincar (SOUZA, 2009).

Considerou-se nesse estudo, que os pais têm baixa escolaridade, por isso não ajudam os filhos com as atividades para casa, proposto na fala das professoras que atribuíram aos pais

as dificuldades de aprendizagem das crianças. Pais e mães não sabem ler e nem escrever. Para os pais é melhor o trabalho do que ficar à toa.

A escola com função social carece envolver e fortalecer o vínculo entre escola e família (PARO, 2001). Os pais precisam compreender que existem outras formas de colaborar com o aprendizado dos filhos. A falta de escolaridade dos pais os faz desconhecer que o trabalho infantil é maléfico para a formação plena das infâncias, também é um fenômeno que coloca as crianças às formas de exploração, além de comprometer o desenvolvimento físico, psicológico e social.

O trabalho infantil limita o desempenho escolar das crianças em situação de vulnerabilidade social, compromete o direito de brincar, a saúde e o desenvolvimento humano. As crianças muitas vezes têm vivido condições sub-humanas, pois recorrentemente se alimentam dos restos de comida localizados no lixão. A pesquisa revela que as dez crianças entrevistadas compõem famílias constituídas por pai e mãe, outras moram com avós, etc.

As culturas infantis das crianças da pesquisa são formadas pelas brincadeiras na escola, pela interação com outro, que são negadas pela exploração do trabalho infantil. As culturas infantis das crianças perpassam por sonhos, desejos de possuir elementos básicos para se viver bem. Raramente, falaram da violência física e de abusos. A cultura de infância dessas crianças é modificada pelo desejo de maquiagem, aparelhos eletrônicos, mas principalmente desejam moradia digna e alimentação.

Consideramos, portanto, que as crianças moram em local de vulnerabilidade social, ruas sem infraestrutura, falta de saneamento básico e de ausência dos principais direitos sociais garantidos pela constituição. Diante dessas ausências sociais e culturais existem as limitações de aprendizagem escolar e a falta de afetividade por parte dos responsáveis.

A escola carece revisitar o Projeto Pedagógico, como também para as professoras faz-se necessária a formação continuada sobre culturas infantis, crianças e infâncias. O trabalho infantil é o fenômeno que causa tristeza a elas e as impedem de brincar fora da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão central que orientou essa pesquisa foi saber que culturas estão sendo produzidas no universo infantil da Escola do Rocha da rede estadual do Pará com crianças em situação de vulnerabilidade social? Para isso, o objetivo principal procurou analisar as vozes das crianças a respeito das culturas infantis produzidas no universo infantil de vulnerabilidade social da referida escola. De modo específico, os objetivos se articulam em conhecer o

universo das culturas das crianças sobre a escola; conhecer as histórias de vida das crianças e apreender o significado atribuído pelas crianças ao aprendizado espaço do escolar.

As análises mostram que as crianças constroem culturas infantis na escola, nas relações com outras crianças pelo brincar. Mostram que tem desejos basilares como o de ter uma casa digna, geladeira, etc. O trabalho infantil para elas é algo prejudicial e impeditivo de brincadeiras, além da exposição às situações degradantes e humilhantes, como risco de saúde e de vida.

As culturas infantis produzidas pelas crianças são caracterizadas pelo brincar, pelas brincadeiras como jogar bola, correr e nas conversas entre si. Elas têm desejo de aprender a dominar a leitura e escrita. A pesquisa aponta que falta formação continuada para as professoras da Educação Infantil, como também a compreensão a respeito do trabalho infantil. Ainda, é preciso que a escola atente para parceria família/escola.

Por fim, faz-se importante realizar outras pesquisas na Comunidade do Rocha sobre o trabalho infantil dessas crianças e do abuso sofrido por elas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição (1988)**. Brasília: Planalto do Governo. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

_____. **Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Congresso Nacional, 2008.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei Federal n.º 9.394, de 26/12/1996.

_____. **Plano Nacional de Educação - PNE/Ministério da Educação**. Brasília, DF: INEP, 2014.

_____. Ministério da educação. **Programa Novo Mais Educação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>. Acesso em: 18 julh. 2017.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Resolução CNE/CEB nº 4/2013.

_____. **Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (BR)**. Resolução nº41 de 13 out 1995. Diário Oficial da União, seção 1, 17 out 1995.

DEL PRIORE, Mary. **A maternidade da mulher escrava**. In: Cadernos do Cedhal, CEDHAL/USP, n.4, 2008.

GOMES MA. PEREIRA, Maria Lúcia Duarte Duarte. **Família em situação de vulnerabilidade social:** uma questão de políticas públicas. Revista Ciência e Saúde coletiva, 2005.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da vulnerabilidade social nos municípios brasileiros** / editores: Marco Aurélio Costa, Bárbara Oliveira Marguti. – Brasília: IPEA, 2015.

PARO V. H. **Qualidade do Ensino:** A contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 2001. 126 p.

PEREIRA, S. E. F. N. **Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social:** Articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2003. Disponível em: www.aconchegodf.org.br/biblioteca/artigos/artigo. Acessado em: 04 de julho de 2017.

SOUZA, Ana Paula Vieira e. **Trabalho infantil:** uma análise do discurso de crianças e de adolescentes da Amazônia paraense em condições de trabalho, UFPA, Belém, 2014.

SOUZA, Ana Paula Vieira e. **As culturas infantis no tempo e espaço do recreio:** constituindo singularidades sobre a criança, UFPA, Belém, 2009.

Recebido em: 20 de junho de 2018
Aprovado em 22 de agosto de 2018